

AS CATEGORIAS DA RAZÃO E O ADVENTO DO NIILISMO EM NIETZSCHE, UMA ANÁLISE DO FRAGMENTO PÓSTUMO 11[99] DE 1887

Mateus da Silva Fernandes¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo a investigação das categorias da razão abordadas por Nietzsche no fragmento póstumo 11[99] de 1887. O texto percorre a Crítica do niilismo, título do fragmento, apontando como a inaplicabilidade das categorias da razão subsidia o advento do niilismo. Nossa investigação tem como base a edição crítica de Colli e Montinari dos fragmentos póstumos, e a Gaia Ciência (1883). A hipótese inicial desse artigo surge no apontamento-Lenzerheide, em que a moral se produz enquanto hipótese e princípio da criação dos valores no mundo ocidental. Por fim, desenvolvemos nesse artigo sob a cariz de que o niilismo não se limita a destruir valores, mas atua como lógica dos valores, a relação da inaplicabilidade das categorias da razão e o advento do niilismo.

Palavras-chave: Nietzsche; niilismo; valores; categorias da razão; advento do niilismo.

THE CATEGORIES OF REASON AND THE ADVENT OF NIHILISM IN NIETZSCHE, AN ANALYSIS OF THE POSTHUMOUS FRAGMENT 11[99] FROM 1887

Abstract: This article aims to investigate the categories of reason addressed by Nietzsche in the posthumous fragment 11[99] of 1887. The text goes through the Critique of nihilism, the title of the fragment, pointing out how the inapplicability of the categories of reason subsidizes the advent of nihilism. Our investigation is based on Colli and Montinari critical edition of the posthumous fragments, and the Gay Science (1883). The initial hypothesis of this article appears in the Lenzerheide-note, in which morality is produced as a hypothesis and principle of the creation of values in the western world. Finally, we develop in this article under the view that nihilism is not limited to destroying values, but acts as a logic of values, the relationship between the inapplicability of the categories of reason and the advent of nihilism.

Keywords: Nietzsche; nihilism; values; categories of reason; advent of nihilism.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB; pós-graduado em Tutoria em Educação à Distância pela Faculdade Sucesso-FACSU; graduado em Filosofia pela Faculdade Católica da Paraíba. Professor da Faculdade Sucesso-FACSU. E-mail do autor: mateusprofilo@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O ano de 1887 na vida de Nietzsche representa os últimos anos de sua produção filosófica, uma vez que o ano seguinte seria seu último em atividade, pois seus problemas de saúde a partir de 1889 impossibilitaram a continuidade de sua produção. Neste período, o autor já havia publicado a maior parte de suas obras. Sua última produção antes da elaboração dos escritos de Lenzerheide², em junho de 1887, o V livro de *A gaia ciência*, concluído em abril desse mesmo ano, não deu continuidade aos temas centrais do seu *Assim falou Zaratustra* que havia sido reeditado ainda em 1887. Mas, por outro lado, escreve ainda acerca dos encadeamentos para o entendimento do eterno retorno, bem como o modo pelo qual se produz em efetividade o advento do niilismo (STEGMAIER, 2022, p. 236).

Em junho de 1887 Nietzsche ficou alguns dias em Chur aguardando a neve baixar e ir a Sils-maria para passar o verão. Durante sua viagem, em 7 de junho daquele ano, Nietzsche escreve o que depois ele mesmo chamou de “apontamento-Lenzerheide”. É a partir desse escrito que serviu de apontamento para o próprio autor que discutiremos os estudos do niilismo.

Num primeiro momento, especialmente no fragmento 11[99], situaremos como Nietzsche apresenta as categorias da razão de *fim*, *unidade* e *verdade*, e examinaremos como essas categorias colaboram para a história dos valores, reafirmando a hipótese moral com que inicia os escritos de Lenzerheide. A partir disso, poderemos entender como o niilismo é nevrálgico para a discussão dos valores supremos e percorrer a

² Os escritos de Lenzerheide serviram para o próprio Nietzsche como apontamento. Werner Straimaier (2022, p. 237) descreve esse texto não como fragmento, “[...] mas um texto de espécie peculiar”, que serviu como anotação. Esse manuscrito nos ajudará a situar a hipótese moral adotada pelo mundo ocidental e escrita por Nietzsche como um apontamento que serviria para si mesmo.

contextura com a qual o niilismo na forma das categorias da razão se limita à sua própria impossibilidade plena de aplicação.

Após nossa análise de como Nietzsche dispõe das categorias da razão na elaboração de sua Crítica do niilismo, traremos o aforismo 125 de *A gaia ciência* para criarmos uma ponte entre o advento do niilismo e a descrição do niilismo na passagem do homem louco para ampliarmos a compreensão de alguns desencadeamentos no niilismo europeu e, de como em Nietzsche a hipótese moral cristã tem especial importância para sua análise dos valores.

2. O NIILISMO COMO ESTADO PSICOLÓGICO

Para examinarmos o niilismo, destacamos o aforismo intitulado a Crítica do niilismo de Nietzsche enumerado 11[99] pela edição crítica Colli e Montinari, afim de analisarmos como o niilismo atua junto à forma com que a atividade valorativa do ser humano se constituiu na história do mundo ocidental.

Analisando a contextura do niilismo em Nietzsche, reafirmamos a tese de que o niilismo está presente da constituição dos valores do mundo ocidental ao seu desmoronamento, hipótese essa em que a moral haveria cunhado na história os traços determinante que marcam a cultura. Essa hipótese de Nietzsche já havia sido considerada por ele, uma vez que questionando a utilidade da hipótese moral, toma a moral como princípio de orientação, e não como fim em si, como quer a teologia (STEGMAIER, 2022, p. 241). Sob essa hipótese, atravessaremos o exame que Nietzsche empreende em sua crítica à moral acerca do niilismo a partir da tentativa de compreender a proximidade entre o processo civilizatório e a tentativa de interpretar a experiência da vida com base em valores absolutos. O primeiro passo para examinarmos o modo como o niilismo está presente da gênese à desvalorização dos valores é compreender a concepção de valor que

norteia a presente discussão, pois é a partir dessa definição que a atribuição de sentido por parte do ser humano ganha significado enquanto meta (NIETZSCHE, 2012b, p. 36).

O conceito de valor é chave para Nietzsche, ele parte do ponto de vista das condições de conservação e elevação da potência diante das próprias produções do ser humano, e, nesse sentido, é uma forma de expressão dos impulsos fisiológicos; como descreve o autor (2012b, p. 27): “[o] ponto de vista do ‘valor’ é o ponto de vista das *condições de conservação-elevação* no que diz respeito a configurações completas de duração relativa de vida no interior do devir”. Assim, o conceito de valor parte da hipótese de que a condição do valor se produz de impulsos fisiológicos.

Esses impulsos fisiológicos atuam no interior do processo em que o ser humano experimenta a própria dinâmica da vida; essa experiência é marcada pelo que ele produz seja na forma material, seja no que representem as suas relações. Assim, os impulsos estão associados à vontade de potência³, uma vez que são sempre expressões de forças da própria vontade.

Quando trazemos o conceito de impulso fisiológico estamos adentrando à própria fisiologia nietzschiana. É importante destacar que a fisiologia de Nietzsche tem como base a fundamentação valorativa marcada pelo caráter imanente. Assim, podemos considerar que os impulsos fisiológicos se caracterizam no modo pelo qual a vontade de potência se manifesta nas produções humanas. Com isso, podemos entender a relação entre valor e impulso fisiológico, uma vez que o valor é resultado da forma como a vontade de potência é manifestada através desses impulsos.

³ A vontade de potência ocupa um lugar central na filosofia nietzschiana, uma vez que sua discussão se identifica às considerações acerca da própria vida (NIETZSCHE, 2018, p. 10-11). Esse conceito caracteriza um tipo de força eficiente no interior de todos os organismos que gera constante embate entre as forças que constituem esse mesmo organismo. É importante discutir isso à luz do modo como a vontade de potência conduz esse contínuo combate por dominação à criação de novas formas de dominação, gerando, conseqüentemente, outras formas de relações e forças.

É sob a concepção de valor enquanto condição de domínio que os impulsos combatem por dominação no interior de todo organismo, que tanto podem se desenvolver para sua ampliação quanto para seu encolhimento. Desse modo, quando Nietzsche aborda os valores absolutos, ele traz para o centro a condição de domínio impressa nas produções humanas adotada pela história dos valores; em outras palavras, Nietzsche coloca no centro da discussão o conjunto de metas que reduzem a pluralidade contida entre os impulsos (NIETZSCHE, 2012b, p. 28). É a partir deste entendimento acerca do valor que esse conceito é tão caro ao corpo do pensamento filosófico nietzschiano.

Podemos apontar a relação do niilismo com o valor a partir de quando os valores absolutos criados para justificar a experiência da vida por meio de uma meta, decorrem do horror à ausência de sentido (2009, p.80), e, com isso, não suportam a própria vida e o processo a ela inerente de sempre se construir. Mesmo diante disso, o ser humano não está alheio à dinâmica da experiência da vida, e esses sentidos colocados como resposta final à dinâmica da vida serão desvalorizados quando fixados como princípios absolutos (2012b, p. 38).

2.1.As categorias da razão

O fragmento 11[99] de 10 de junho de 1887 é fundamental em nossa investigação acerca do niilismo, a partir dele Nietzsche analisa o advento do niilismo com base nas categorias da razão de *fim*, *unidade* e *verdade*. Essas categorias da razão são abordadas por Nietzsche na tipologia de estados psicológicos, em que, diferente da compreensão moderna de psicologia simplesmente como estudo do comportamento humano ou até mesmo ciência da alma ou do espírito humano, a concepção nietzschiana de psicologia, assim como é apresentado por Müller-Lauter, funde-se ao conceito de fisiologia na construção da base em que as avaliações de valor se produzem.

Processos fisiológicos são “desencadeamentos de forças”, mas isso significa lutas por potência dos *quanta* de vontade. Fisiologia bem compreendida é, pois, doutrina da vontade de potência, assim como a psicologia bem compreendida, que com ela se funde numa “fisiopsicologia” (LAUTER, 2009, p. 126).

A relação entre a fisiologia e a psicologia, como no excerto acima, explicita a abordagem de Nietzsche em *Além do bem e do mal* que toma a fisiologia como morfologia da vontade de potência (NIETZSCHE, 2016, p. 46). A psicologia diz respeito ao modo de crescimento da vida, da promoção à expansão do domínio de umas forças sobre outras, no interior da vontade de potência, efetivando-se enquanto morfologia da vontade de potência. A partir desse entendimento, no fragmento 11[99], o niilismo discutido a partir dos estados psicológicos representa o desenho com que se produzem a instauração dos valores e, ao mesmo tempo, a dissolução deles. Diante desse movimento, encontra-se o sentimento humano de sempre creditar uma finalidade à existência, e no mundo ocidental esse processo se estabeleceu com a criação de valores supremos. É sob esse panorama que Nietzsche faz sua *Crítica do niilismo*.

Na *Crítica do niilismo*, Nietzsche inicia sua abordagem com a forma de entender o niilismo a partir categoria da razão de *fim*. Essa categoria da razão caracteriza a forma de niilismo com que o ser humano passou a creditar valor a um sentido para a existência. Esse sentido na experiência da vida indica um caráter processual da existência, uma vez que “uma meta é sempre um sentido” (NIETZSCHE, 2012b, p. 36). A partir dessa transitoriedade da existência pelo *fim*, a meta imposta para a experiência do viver reproduz o sentimento de vingança contra a realidade, pois a criação de uma meta para a existência é a resposta ao caráter processual da realidade como tentativa de cristalização

e enrijecimento de um sentido que pudesse interpretar todo acontecer, sem que seu fundamento se alicerçasse na própria realidade.

Essa primeira categoria da razão desperta um espírito de vingança contra a vida quando a experiência do viver é submetida à cristalização do caráter transitório, sujeitando a vida à condição de meio para realização de uma meta, para a realização de um sentido. Nietzsche (2012b, p. 36) entende que “[o] que há de comum em todos esses tipos de representação é o fato de algo dever ser *alcançado* por meio do próprio processo: – e, então, compreende-se que com o devir *nada* é obtido, *nada* é alcançado...”, a importância de destacar a ausência de meta fixa para o devir é fundamental para sua compreensão de que “a desilusão quanto a uma *suposta meta do devir* como causa do niilismo” (NIETZSCHE, 2012b, p. 36).

A ilusão gerada pela imposição de uma meta para a existência é encarada por Nietzsche como causa do niilismo, uma vez que “[o] sentido do devir precisa ser preenchido, alcançado, consumado a cada instante” (NIETZSCHE, 2012b, p. 30) e, não determinado por uma meta. A consequência do reconhecimento de que esse estado psicológico de fim é uma ilusão fundada na ficção de uma meta para a experiência do viver, o ser humano perde o valor da existência. Essa perda gera o sentimento de “vergonha diante de si mesmo, como se tivéssemos nos *enganado* por um tempo longo demais” (NIETZSCHE, 2012b, p. 36). E, por “engano”, como escreve o autor, entendamos o desperdício de forças que decorre da conscientização de que “[...] com o devir *nada* é obtido” (NIETZSCHE, 2012b, p. 36).

A segunda forma de niilismo que Nietzsche expõe no aforismo 11[99] enquanto estado psicológico diz respeito à constituição de uma *unidade*, em que nela se produz a forma com que todas as coisas acontecem submetidas à necessidade universal de constituir uma totalidade una em si mesma. Para entender o estabelecimento dessa *unidade* é necessário supor a hipótese de que na organização da totalidade das coisas há uma sistematização que confere essa *unidade* a todo acontecimento:

O niilismo como estado psicológico entra *em segundo lugar* em cena, quando se estabelece uma *totalidade*, uma *sistematização*, mesmo uma *organização* em todo acontecimento e sob todo acontecimento de modo que a alma sedenta de admiração e veneração regala-se com a representação conjunta de uma forma de domínio e de administração supremas [...] (NIETZSCHE, 2012b, p. 37).

Esse acontecer sistematizado é parte da idealização de uma força que organiza e sistematiza a totalidade. A partir disso, toda ordem de acontecimentos é regida por um poder que recebe veneração por parte dos seres humanos, constituindo-a uma entidade detentora da força para unir a totalidade e, com isso, controlar o próprio movimento da existência.

É nesse ponto de erguimento de uma totalidade que controla todos os acontecimentos, que é gerado “[...] um profundo sentimento de conexão e de dependência em relação a um todo infinitamente superior, um modo da divindade...” (NIETZSCHE, 2012b, p. 37). A partir da crença nessa necessidade universal por *unidade*, o ser humano encontra um valor para a existência, porém esse processo irá se realizar com a submissão da experiência da vida a essa força suprema que supostamente sistematiza os acontecimentos.

A consequência dessa crença determinada por esse estado psicológico é que o valor da existência é postulado por esse poder sistematizador, sendo o ser humano nesse contexto apenas um meio para realização desse poder supremo. Com isso, a experiência do viver não se realiza por ela em sua própria dinâmica, mas é confrontada, pois valor da existência se produz em outra reprodução do espírito de vingança, pois, “[n]o fundo, o homem perdeu a crença em seu valor, caso não atue através dele uma totalidade infinitamente valorosa: ou seja, ele concebeu uma tal totalidade a fim de *poder acreditar*

em seu valor” (NIETZSCHE, 2012b, p. 37). É a partir disso que se caracteriza a forma do niilismo como estado psicológico de estabelecimento de uma *unidade*.

Nietzsche além de tratar o niilismo enquanto causado pelas categorias da razão de *fim* e *unidade*, trata ainda o niilismo como estado psicológico em uma terceira forma. A partir das duas categorias anteriores, o filósofo havia concluído que “[...] com o devir nada é obtido e a de que não vigora nenhuma grande unidade [...]”, ou seja, a inaplicabilidade das categorias de *fim* e *unidade* é de onde emerge uma última forma de niilismo enquanto categoria da razão. Nesse momento em que se efetiva essa última forma de niilismo, a existência encontra-se carente de valor e, com isso, resta ao ser humano a desvalorização de toda realidade do devir, para então criar para si um outro mundo. A pretensão de criar um outro mundo é para instituir um mundo verdadeiro em detrimento do mundo do devir. Nas palavras de Nietzsche (2012b, p. 37):

Dada essas duas *intelecções*, a de que com o devir nada é obtido e a de que não vigora por debaixo de todo devir nenhuma grande unidade, na qual o singular pudesse submergir completamente como um elemento de um valor suprema: então ainda resta como *refúgio* condenar todo o mundo do devir como uma *ilusão* e inventar um mundo que se encontra para além desse mundo do devir, um mundo *verdadeiro*.

Como último de seus esforços, essa última forma de niilismo busca sobrepor a realidade efetiva das coisas ainda como reprodução do espírito de vingança. A palavra “refúgio”, utilizada por Nietzsche para dar qualidade a esse outro mundo, se produz diante da impossibilidade desse mundo oferecer um *fim* definitivo para a existência e de se organizar em uma *unidade* todo o acontecer, para dar sentido a esse mundo verdadeiro

que supre a vontade de nada⁴ por uma existência e por um mundo em que as categorias anteriores pudessem ser efetivas. Desse modo, criar um mundo verdadeiro é a alternativa última para suportar essa vida que nunca se esgota num fim, mas é sempre transitoriedade, é sempre assenhorear-se ao processo de vir-a-ser.

A consequência do estabelecimento de outro mundo gera a dualidade entre o mundo criado e esse mundo que conhecemos. Nesse contexto, o mundo das coisas é posto em oposição ao mundo criado, ao mundo *verdadeiro*. Assim, a direta negação da vida ocasionada pela criação de um mundo *verdadeiro* em detrimento do mundo das coisas, nessa relação sob a qualidade aparente, é novamente expressão do ódio contra a dinâmica do devir, em que o ser humano se reconhece em contínua construção. Porém, a derrocada do postulado da existência de um mundo verdadeiro é justificada pela sua própria inaplicabilidade:

Contudo, logo que o homem descobre como esse mundo só ganhou espaço por necessidades psicológicas e como ele não tinha razão alguma para tanto, surge a última forma do niilismo, que encerra em si a *descrença em um mundo metafísico* – que se proíbe a crença em um mundo *verdadeiro* (NIETZSCHE, 2012b, p. 37).

⁴ Vontade de nada representa um momento da decadência do ser humano regido pelo niilismo enquanto lógica desse processo. Na terceira dissertação da *Genealogia da moral*, o autor respondendo ao que seria o ideal ascético afirma que ele “[...] se expressa no dado fundamental da vontade humana, seu *horror vacui*: ele precisa de um objetivo – e preferirá ainda querer o nada a nada querer” (GM, III, 1). Essa referência ao horror vacui é feita à própria vontade do ser humano. Nesse sentido, a vontade de nada é “o *faute de mieux* por excellence” (GM, III, 28). Com isso, o nada é o designativo de algo último do desejo humano, é a falta de uma vontade melhor que internamente atravessa o processo de *décadence*.

Esse apontamento que Nietzsche faz da impossibilidade de existir um mundo verdadeiro, na história ocidental ficou marcada pelo advento da metafísica de Platão a partir da dualidade de mundos⁵ apresentada por ele.

3. INVESTIGAÇÕES DO ADVENTO DO NIILISMO

A partir da proximidade entre, de um lado a hipótese moral e, de outro lado, o fragmento 11[99], nossa pesquisa resgata o aforismo 125 d'*A Gaia Ciência* para reafirmarmos a tese de que a representação do niilismo europeu, do ser humano moderno, sustenta-se em uma nova forma de valorar, essa que encerra a última forma de niilismo apresentada por Nietzsche; e, por último, com a finalidade de examinar o modo como o próprio niilismo europeu é parte desse processo de advento do niilismo.

O homem louco. – Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu um lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros (NIETZSCHE, 2012a, p. 137).

⁵ A dualidade de mundos é central para Platão, é discutindo essa dualidade que a realidade posta é submetida às qualidades transcendentais das ideias. A forma da epistemologia de Platão é análoga à forma cristã de submissão da realidade imanente a um poder ordenador e transcendente, adotada como hipótese moral pelo mundo ocidental.

O anúncio que Nietzsche faz a partir do aforismo 125 exprime a negação da existência de um mundo verdadeiro superior ao mundo das coisas. A morte de deus é, na verdade, o aniquilamento de uma suposta realidade efetiva superior à realidade que conhecemos. Esse anúncio ilustra que o processo de valorar determinado pela metafísica, ou seja, pela dualidade de mundos, ruiu.

O mundo *verdadeiro* criado para conferir efetividade às categorias de *fim* e *unidade* desmoronou com o anúncio que a modernidade faz na morte de deus: “Para onde foi Deus?, gritou ele, já lhes direi! *Nós o matamos* – vocês e eu” (NIETZSCHE, 2012a, 137). Essa destituição da metafísica como mantenedora da forma de valorar que antecede o anúncio da morte de deus, efetiva-se determinada pela centralização do sujeito nas discussões da modernidade⁶. Restando ao *homem louco* lamentar diante do conhecimento da morte de deus:

Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? [...] (NIETZSCHE, 2012a, p. 137).

O ponto sob o qual as formas de valoração se estabelecem está em ruínas, essa é a verdadeira conotação da morte de deus, de sorte que, os questionamentos proferidos pelo *homem louco* que se seguem do anúncio da morte de deus nos revela um ponto importante para nossa análise: o contexto que se refere ao aforismo do *homem louco* é

⁶ A modernidade é o pressuposto do qual parte o anúncio do aforismo 125 de *A gaia ciência*. Assim, o processo de formação da mentalidade moderna esteve próximo do processo de secularização, em que deus passa a não mais ocupar a centralidade dos modos de vida no mundo ocidental. É nesse sentido que, apesar do anúncio da morte de deus caracterizar a extemporaneidade do pensamento de Nietzsche, as discussões modernas constroem o ambiente com o qual o anúncio da morte de deus ganha sentido.

representado pelo advento do niilismo, pelo reconhecimento de que as necessidades universais para conservação e interpretação da vida não se aplicam à realidade das coisas, é uma ilusão, uma ficção.

Com a morte de deus o horizonte dos valores se dissolve, a terra desatada de seu sol e está vagando na ausência de um ponto fixo de apoio. O ser humano diante dessa situação, por *horror vacui* se desespera e conduz suas forças à desvalorização de todas as coisas. Porém, Nietzsche parecia saber da consequência que a morte de deus tinha: “[f]alta aqui a oposição entre um mundo verdadeiro e um mundo aparente: só há um mundo, e esse mundo é falso, cruel, contraditório, sedutor, sem sentido...” (NIETZSCHE, 2012b, p. 177). É essa oposição entre mundo falso e verdadeiro que possibilita que a descrença no mundo verdadeiro se converta no retorno ao mundo falso como única realidade efetiva existente.

Por fim, depois de apresentar o niilismo investigando as categorias de *fim*, *unidade* e *verdade*, Nietzsche admite as consequências da inaplicabilidade dessas categorias na única realidade efetiva, a realidade do devir. Agora, o ser humano se encontra novamente diante da ausência de valor, pois o niilismo como estado psicológico ruiu, mas exprime ainda o advento do niilismo. Segundo o autor:

- O que aconteceu, no fundo? O sentimento da *ausência de valor* foi alcançado, quando se compreendeu que o caráter conjunto da existência não pode ser interpretado nem com o conceito de “*meta*”, nem com o conceito de “*unidade*”, nem com o conceito de “*verdade*” (NIETZSCHE, 2012b, p. 37-38).

Esse sentimento descrito por Nietzsche como ausência de valor se produz quando as categorias da razão de *fim*, *unidade* e *verdade* não se aplicam à única realidade efetiva para interpretar o mundo e a experiência da vida. Quando o niilismo é examinado a partir

da categoria de *fim* para assegurar uma meta e um sentido para a existência, o filósofo reconhece a impossibilidade de obtenção de um sentido final para interpretar a existência colhida da própria realidade efetiva; quando o niilismo é investigado a partir do estabelecimento de uma *unidade* que organize e sistematize todo acontecer, Nietzsche percebe sua inaplicabilidade em decorrência da ausência dessa mesma *unidade* que una toda a pluralidade dos acontecimentos; e, quando postulado um mundo *verdadeiro* para garantir a efetividade das categorias de *fim* e *unidade*, ele aponta que o prejuízo de contrapor esse mundo criado ao mundo das coisas constitui um perigo à vida, ao mesmo tempo que desacredita na efetividade de um mundo superior ao mundo em que toda experiência acontece (NIETZSCHE, 2012b, p. 38).

Com isso, podemos considerar que essas categorias não podem se impor como parâmetro para interpretar o mundo e a vida. Nesse mesmo parâmetro movido pelo juízo metafísico, impera a necessidade de suprir permanentemente a carência, a falta, o desamparo decorrente da ilusão gerada por essas formas de creditar valor aos acontecimentos. “Em suma: as categorias “meta”, “unidade”, “ser”, com as quais tínhamos inserido um valor no mudo, foram *retiradas* uma vez mais por nós – e agora o mundo parece *sem valor...*” (NIETZSCHE, 2012b, p. 38).

A partir da investigação da inaplicabilidade das mencionadas categorias da razão, podemos identificar que os valores absolutos erguidos para dar conta do problema da existência são desvalorizados, e é nesse ponto que o niilismo atua junto à derrocada dos supremos e absolutos valores. “Agora, no momento em que fica clara a proveniência *mesquinha* desses valores, o todo nos parece desvalorizado, ele parece ter se tornado ‘desprovido de valor’... mas esse é apenas um *estado intermediário...*” (NIETZSCHE, 2012b, p. 39). Desse modo, compreendemos que, se antes as categorias da razão promoviam a base sob a qual se constituíam valorações para dar cabo à tentativa de cristalizar uma finalidade para a existência, com sua desvalorização resta ao ser humano se deparar com um mundo sem valor.

Diante do reconhecimento de que toda história do mundo ocidental é baseada na tentativa de subjugar os instintos e vontades ao julgo da razão, a partir das categorias da razão o niilismo é despertado, atuando agora a partir de quando as pessoas reconhecem que os absolutos valores não possuem existência substancial, mas se tratam de ficções. Essa concepção do caráter fictício da criação de um mundo *verdadeiro* Nietzsche (2012b, p. 38) admite da seguinte forma: “Resultado: a *crença nas categorias da razão* é a causa do niilismo – nós medimos o valor no mundo a partir de categorias *que se ligam a um mundo puramente fictício*”, com isso, o mundo *verdadeiro* não possui existência na realidade efetiva para interromper o caráter transitório da existência real a fim de cristalizar definitivamente um sentido para o mundo e para a existência, marcando, assim, o advento do niilismo.

Por fim, essa crítica de Nietzsche no aforismo 11 [99] mostra a ascensão do niilismo logo que o ser humano percebe que a crença nas categorias da razão o fez dissipar suas forças sem um objetivo possível. Os absolutos valores encobertos pelo véu de deus não correspondiam à verdade com a qual se desenvolve o processo do viver, mas aquela *verdade* a que a dualidade de mundos aspirava somente se valida enquanto perspectiva de domínio e conservação com base na utilidade. Com isso, podemos compreender como Nietzsche propõe encerrar sua análise na *crítica do niilismo*:

Resultado final: todos os valores com os quais procuramos tornar primeiramente o mundo apreciável para nós até agora e que por fim *desvalorizamos* justamente por isso, quando se revelaram como impassíveis de serem estabelecidos – todos esses valores são, computados psicologicamente, resultados de determinadas perspectivas de utilidade voltadas para a manutenção e a elevação de construções humanas de domínio: e falsamente apenas *projetadas* para o interior da essência das coisas <estabelecer> a si mesmo como o sentido e a medidas das coisas... (NIETZSCHE, 2012b, p. 38).

Essas intelecções da razão constituem a viabilidade para atribuir valor à vida, ao mesmo tempo que, a crença nessas intelecções representa o ponto de onde o niilismo é forjado. No contexto da superestimação da razão para suprimir a imperfeição das coisas, o ser humano institui a dualidade de mundos para fazer do mundo *verdadeiro* o lugar no qual as categorias de *fim* e *unidade* se realizam, tomando, com isso, a ficção das categorias como realidade efetiva. Diante dessa dualidade “[...] o mundo se dissociou agora em um mundo verdadeiro e um mundo ‘aparente’: e exatamente o mundo, no qual tinha inventado sua razão para morar e para se erigir, exatamente esse mundo se viu desacreditado” (NIETZSCHE, 2012b, p. 303). É então essa descrença que marca o advento do niilismo. Esse advento do niilismo como sentimento pós desvalorização dos valores supremos, em que o ser humano se depara com a necessidade de se fazer com base em sua própria atividade valorativa, não mais submetida ao valor fictício da existência atribuída pela idealização de um mundo *verdadeiro*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática do niilismo é expressiva no conjunto da produção filosófica de Nietzsche. Sua relação com a história dos valores se produz da tentativa de mitigar a existência concedendo uma fuga da transitoriedade da experiência da vida por uma meta estabelecida. Essa hipótese que debatemos a partir das discussões que estruturaram a primeira e a segunda seção deste artigo, possibilitou compreender que a concepção do niilismo não está desvinculada da história dos valores.

Através do fragmento 11[99] percebemos que a relação entre história dos valores e niilismo não se encontram por um acaso, mas estão intrinsecamente associadas uma ao outro. Ainda quanto ao fragmento, podemos afirmar que os valores absolutos pressupõem um sentimento de rivalidade contra a vida e o mundo que conhecemos, gerando, com isso, sua própria inaplicabilidade diante da realidade efetiva.

Todas as categorias de *fim*, *unidade* e *verdade* nascem do desejo de encontrar uma meta definitiva para a existência, como forma de acabar com o movimento de vir-a-ser e consolidar a interpretação da existência em um sentido último. Essa criação de um sentido para a existência, por mais que seja inaplicável na realidade das coisas, é ainda expressão da vontade de potência por conservação da existência através dos impulsos fisiológicos que firma na forma do valor as condições necessárias para a interpretação da existência.

Porém, assim como o próprio Nietzsche reconhece a inaplicabilidade efetiva dessas categorias, também a reconhecimento ao mesmo tempo que consideramos que a última forma de niilismo após a aceitação da inaplicabilidade das categorias, inaugura o que o autor chama de advento do niilismo. Esse novo modo de niilismo já havia sido compreendido por Nietzsche e, em defesa dessa afirmação, destacamos a importância que o aforismo 125 de *A Gaia Ciência* tem, uma vez que a última forma de niilismo ecoa no diálogo das personagens que interpretam a história do homem louco.

Por fim, concluímos que o niilismo é um processo inerente à história dos valores no mundo ocidental. Na busca por investigarmos como esse conceito é fundamental para o pensamento filosófico de Nietzsche, a partir do fragmento 11[99], vimos que junto à ruína das categorias da razão emerge uma última forma de niilismo. Essa última forma de niilismo é resgatada dentro da própria literatura nietzschiana nas palavras dos críticos do homem louco que caracterizam o advento do niilismo.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos 1885-1887**. In: KSA VI. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Nietzsche: obras escolhidas**. Trad. Renato Zwick, Marcelo Backes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos 1887-1889**. In: KSA VII. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WOLFGANG, Müller-Lauter. **Nietzsche**: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009).

STEGMAIER, Werner. O processo de orientação de Nietzsche em seu apontamento de Lenzerheide, de 7 de junho de 1887. **Revista de Filosofia**, Aurora, Curitiba, v. 34, n. 61, p. 234-277, maio-ago., 2022. Disponível em: <
<https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/29330/25718>>. Acesso em: 13 de jan. de 2023.

